

PERSPECTIVAS DA ANÁLISE TEXTUAL DOS DISCURSOS PARA A ANÁLISE DE TEXTOS DIGITAIS

Ana Lúcia Tinoco Cabral

Doutora, Universidade de São Paulo/Mestrado Profissional em Letras (USP/Profletras); Instituto de Pesquisa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (IP-PUCSP) - São Paulo, SP, Brasil

RESUMO: Os avanços tecnológicos que resultaram na larga disseminação do uso da *Internet* “instituíram novas formas de atuar no mundo, de interagir, marcadas especialmente pela multiplicidade de recursos e de modalidades de linguagem”(CABRAL, 2013a, p. 90) e pela diversidade de manifestações textuais possibilitadas pela comunicação digital que ampliou recursos para a apresentação e a organização de conteúdos e o estabelecimento de relações entre estes antes impensáveis. Toda comunicação humana é multimodal (NORRIS, 2004); as tecnologias digitais, no entanto, se mostram mais extensamente multimodais, pois elas combinam escrita, imagens, sons, vídeos e outros modos semióticos (BILTVICH; BOU-FRANCH, 2019). Considerando essa diversidade, é possível afirmar que os textos digitais apresentam um plano de texto diversificado comparativamente a textos impressos. Com base nessas considerações, cabe perguntar: quais perspectivas oferece o conceito de plano de texto para analisar textos com os quais os usuários se deparam na *Web* a fim de, durante a construção de sentidos, dar conta, de forma integrada, das diferentes linguagens e dos diferentes recursos digitais que os caracterizam? Como o plano de texto de um discurso digital integra diferentes recursos e modalidades de linguagens na construção de sentidos? Propomos, neste trabalho, verificar como o de plano de um texto se transforma, se modifica, ou adquire complexidade, ao incorporar recursos digitais. Para tanto analisamos versões digitais e impressas de textos do campo jornalístico, verificando como se constitui o plano de texto e suas implicações na construção de sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: Plano de texto. Discurso digital. Construção de sentidos.

ABSTRACT: The technological advances resulted in the widespread use of the *Internet* “have established new ways of acting in the world, new ways of interacting, marked especially by the variety of resources and language modalities”(CABRAL, 2013a, p. 90) and the diversity of textual manifestations enabled by digital communication which expanded the resources for the presentation and organization of content and the establishment of relations between them previously unthinkable. All human communication is multimodal (NORRIS, 2004); however, digital technologies are more widely multimodal as they match writing, images, sounds, videos, and other semiotic modes (BILTVICH; BOU-FRANCH, 2019). Due to this diversity, it is possible to state that digital texts present a diverse text-plan compared to paper-printed texts. Based on these considerations, it is worth asking: what perspectives does the concept of text-plan offer to analyze texts that users come across on the *Web* during the meaning building process to handle an integrated way of different language modes and different resources that characterize them? We propose To verify how text-plan transforms, changes, or acquires complexity by incorporating digital resources. Therefore, we analyze digital paper versions of texts from the journalistic field, especially checking how a text-plan is consisted of and its implications in the meaning building process.

KEYWORDS: Text-plan. Digital Discourse. Meaning building.

INTRODUÇÃO

Os avanços tecnológicos da segunda metade do século XX e início do século XXI propiciaram amplo desenvolvimento da grande diversidade de tecnologias digitais voltadas para a comunicação. Essas tecnologias e a larga disseminação do uso da *Internet* ampliaram as possibilidades para a apresentação e a organização de conteúdos e o estabelecimento de relações entre estes antes impensáveis. Tais recursos possibilitaram construções de sentido diversificadas e “instituíram novas formas de atuar no mundo, novas formas de interagir, marcadas especialmente pela multiplicidade de recursos e modalidades de linguagem” (CABRAL, 2013a, p. 90) e pela diversidade de manifestações discursivas. Vale lembrar, no entanto, os dizeres de Paveau a respeito das manifestações na *Internet*: “sur l’internet, il y a surtout du texte, et le web est majoritairement scriptural”¹ (PAVEAU, 2015, p. 337). Embora concordemos com a autora de que “l’activité principale en ligne est l’écriture”² (PAVEAU, 2015, p. 337), não podemos desconsiderar que, conforme postula Norris (2004), toda comunicação humana é multimodal. Inclusive Biltvich e Bou-Franch (2019) ressaltam que as tecnologias digitais se mostram mais extensamente multimodais, em razão de combinarem escrita, imagens, sons, vídeos e outros modos semióticos.

Dito isso, e considerando a diversidade de modos de linguagem constitutivos dos textos que circulam nos diversos ambientes digitais, é possível afirmar que os textos digitais, pela riqueza de recursos, apresentam um plano de texto mais complexo comparativamente a textos impressos. Com base nessas considerações, cabe perguntar: quais perspectivas oferece o conceito de plano de texto para analisar discursos com os quais os usuários se deparam na *Web*? Como o plano de texto de um discurso digital integra os diferentes recursos tecnológicos e as diferentes linguagens na construção de sentidos?

Concordando com Thurlow (2017), que os estudos textuais devem incorporar diferentes modos de comunicação, propomos, neste trabalho, refletir sobre o processo de produção, a escrita e a leitura do texto digital. Focalizamos o conceito de plano de texto, tal como proposto por Adam (2011), na Análise Textual dos Discursos e buscamos verificar como o plano de um texto se transforma, se modifica, ou adquire complexidade, ao incorporar recursos digitais. Para tanto, analisamos uma versão impressa e outra digital de um texto do campo jornalístico,

¹ Na *Internet*, há sobretudo texto, e a *Web* é majoritariamente *escritural*. (tradução nossa).

² a atividade principal *online* é a escrita. (tradução nossa).

verificando especialmente como se constitui o plano de texto na versão impressa, quais alterações apresenta a versão digital e quais são as implicações dessas alterações na construção de sentidos. A fim de dar conta do objetivo traçado, este trabalho está dividido em três partes: a primeira aborda o conceito de plano de texto a partir de breves reflexões; a segunda trata de produção textual e criação de conteúdos digitais considerando leitores da *Web*; a terceira constitui-se das análises, apresentando inicialmente o plano de texto de um texto da mídia jornalística, na versão impressa, e, em seguida, os elementos incorporados a esse texto na versão para a edição digital do mesmo jornal, buscando refletir sobre as implicações dos discursos digitais para a escrita e para a leitura.

PLANO DE TEXTO: UM PRINCÍPIO ORGANIZADOR DO DISCURSO

A organização textual cumpre um importante papel para os sentidos do discurso, na medida em que orienta o leitor em seu percurso de construção desses sentidos. Diz respeito, segundo Cabral (2016b, p. 385), “à forma como as unidades textuais estão dispostas na linearidade para a construção da materialidade textual”. No contexto da Análise Textual dos Discursos, conforme postulado por Adam (2011), a organização textual remete a dois outros conceitos, o de seqüências textuais e o de plano de texto, este último, foco deste trabalho e também um dos principais eixos da própria Análise Textual dos Discursos. Para além da ideia de organização da textualidade simplesmente, interessa a este estudo o papel discursivo e interacional do plano de texto, ou seja, como o plano auxilia o produtor a organizar suas intenções de dizer e as colocar em texto e como o plano orienta o leitor na construção dos sentidos.

Adam (2011) define o plano de texto apelando à arte retórica, afirmando que os planos de texto correspondem à “disposição” (ADAM, 2011, p. 255). Pode-se inferir, pela analogia estabelecida, que Adam associa o plano de texto a uma estrutura mais ou menos fixa, que segue um modelo, como no caso do modelo retórico. O autor observa, no entanto, que “esse modelo retórico, não dá conta da variedade dos planos de texto possíveis” (ADAM, 2011, p. 258).

Coutinho (2003) critica o conceito de plano de texto proposto por Adam pelo fato de o autor restringir o conceito à segmentação textual; a autora portuguesa observa que a proposta de Adam não responde de forma adequada para textos que não se enquadram em uma segmentação canônica, ou seja, quando o plano varia. As pesquisas de Rodrigues e Marquesi

(2016), dedicadas à análise de sentenças judiciais condenatórias, evidenciam haver variação em planos de texto até mesmo em gêneros tão institucionalizados como os do campo jurídico.

A variedade de planos de texto é uma peculiaridade importante deste conceito, tal como o concebe, por exemplo, Cabral (2013b), para quem cada texto é um objeto singular. Segundo essa autora, embora a composição dos textos em geral esteja submetida a um gênero, não se pode desconsiderar que, na organização de cada discurso, há algo de particular que corresponde às intenções do produtor, isto é, diz respeito ao plano enunciativo e tem a ver com o querer dizer do produtor, consoante Koch e Elias (2009). O fato é que os textos em geral constituem objetos da interação humana e cada um dos participantes constrói seus textos conforme suas intenções. Corrobora essa posição o postulado de Kerbrat-Orecchioni (1998 [1990], p. 14), para quem “*tout acte de parole implique normalement, non seulement une allocution, mais une interlocution (un échange de propos)*”³.

Com respeito ao caráter interacional que, juntamente com Cabral (2016a), consideramos como um fenômeno constitutivo da produção textual, cumpre lembrar os postulados de Kellogg (2008), para quem o produtor maduro considera, no processo de produção, a interação do leitor com o texto e planeja-o levando em conta o possível leitor. Essa interação tem a ver com o pressuposto de que o texto se constrói “em um processo de interação entre sujeitos, ou seja, numa relação intersubjetiva” (CABRAL, 2016a, p. 31). Lima e Cabral (2019, p. 61) corroboram essa ideia ao afirmarem que a produção escrita envolve a “habilidade para interagir, tendo o leitor como interlocutor, e habilidade para colocar ideias no papel de forma textualizada”. O pensamento dessas autoras vai ao encontro dos ensinamentos de Adam (2011), segundo os quais os planos de texto “permitem construir (na produção) e reconstruir (na leitura ou na escuta) a organização global de um texto” (ADAM, 2011, p. 258).

Ressaltamos, com base nos autores apresentados, a dupla função do plano de texto, que cumpre um importante papel tanto na escrita como na leitura. Conforme já expusemos anteriormente neste trabalho, na escrita, o plano de texto concretiza o querer dizer do produtor; na leitura, ele orienta o leitor na construção de sentidos.

PRODUÇÃO TEXTUAL E INTERAÇÃO

³ todo ato de fala implica normalmente, não apenas uma locução, mas uma interlocução (uma troca de propósitos) (tradução nossa).

Cabral (2016a) encara a produção textual como um fenômeno enunciativo, socialmente situado e cognitivamente sustentado, que se dá “em um processo de interação entre sujeitos, ou seja, numa relação intersubjetiva” (CABRAL, 2016a, p. 31). A autora coloca a intencionalidade no centro do processo de produção de um texto. Estabelecendo uma relação entre intencionalidade e plano de texto, ainda defende que os objetivos do produtor, aliados à função do texto, orientam o plano textual.

Produtores experientes, conforme Kellogg (2008), para além de seus objetivos, levam o leitor em consideração, dando conta da dimensão interacional do texto também destacada por Lima e Cabral (2019). Entendemos com Kellogg (2008) ser importante que o produtor do texto construa uma imagem do que deseja que o leitor compreenda com a leitura de seu texto, para que possa, de acordo com Lima e Cabral (2019), adequar a escrita do texto aos sentidos que deseja que o leitor construa.

Há, portanto, uma intrínseca relação entre escrita e leitura, pois toda produção textual se inicia com algum tipo de leitura, e também visa um leitor, busca alguém que compreenda o texto conforme as intenções do produtor, ou que se aproxime delas. Dialoga com essa ideia o pensamento de Gaonac’h e Fayol (2003), segundo os quais, mobilizamos compreensão em todas as atividades de nossa vida, não importando qual seja o domínio em que se insere nossa ação. O fato é que a compreensão, conforme postularam esses autores, participa intensamente de nossas experiências, integrando as informações advindas de fontes diversas, tanto internas quanto externas; por meio dela, construímos representações do mundo, e estas são fundamentais para interpretarmos os eventos que vivenciamos ou presenciamos, para modificarmos nossas crenças e nossas formas de agir, a fim de nos proporcionar melhor adaptação ao mundo no qual vivemos.

Essa visão abrangente nos permite assumir, na esteira de Gaonac’h e Fayol (2003), que a compreensão tem uma dimensão transversal, relativamente autônoma das diferentes mídias, aplicando-se tanto à leitura de um texto escrito como à leitura de filmes a que assistimos ou experiências que vivenciamos. Assim, a compreensão implica uma constante interação entre leitor e texto, daí a importância de o produtor levar em conta o leitor, pensando nos sentidos a construir.

Com respeito à construção de sentidos, recorremos aos postulados de McKenzie (1999, p. 13), para quem “as formas produzem sentido”. Na mesma direção, Chartier (1998) considera que as formas materiais influenciam o modo de apresentação e de leitura do texto. Essas ideias

não são novas, ao contrário, vigoram há mais de duas décadas, elas são pertinentes atualmente também, inclusive no que diz respeito aos textos digitais. Com efeito, a tela e, mais especificamente, o hipertexto estabelecem uma nova forma de ler, na qual há a “livre composição de fragmentos indefinidamente manipuláveis” (CHARTIER, 1998, p. 101). O trabalho de Cabral (2013a), que trata da multimodalidade em textos de sites, mostrou que a forma como os conteúdos se organizam nos diferentes ambientes digitais também influencia a leitura.

Conforme já afirmamos reiteradamente neste trabalho, todo texto é voltado a um leitor, se não efetivo, ao menos presumido. É com base nesse postulado que a produção de conteúdos para a *Web* conta com profissionais especializados em *Web design* e em escrita propriamente dita, ou seja, profissionais de redação. Nielsen (2000), especialista em conteúdos *Web*, ensina que esses profissionais respeitam três princípios fundamentais: a adequação às necessidades e exigências do público-alvo; a adequação às diferentes plataformas digitais; e a produção de conteúdos apelativos e criativos que estimulem a atenção do leitor, o envolvam e o levem a identificar-se com a informação, a marca, o produto ou o serviço.

O comportamento dos usuários oferece pistas para pensar a produção de conteúdos digitais e as práticas de leitura. Com esse pressuposto, Nielsen (2000) analisou *websites* utilizando a tecnologia do *EyeTrack* e verificou que, na *Web*, os leitores leem na diagonal; eles centram a sua atenção especialmente nos títulos e subtítulos, nos números e nas palavras-chave; além disso, o primeiro parágrafo é sempre o mais importante para o leitor. Essas observações vão ao encontro do que expõe Cabral (2013a), ao refletir que o leitor da *Web* é apressado, ele busca informações atrativas e adequadas aos seus interesses.

Considerando, pois, as necessidades do leitor conforme apresentamos nos dois parágrafos anteriores, recorremos a Baptista (2017), que propõe três princípios orientadores da produção de conteúdos para a *Web*, a saber: o percurso textual deve partir do mais importante para o menos importante, a fim de atrair a atenção do leitor; a leitura não necessita ser linear, ou seja, o texto deve apresentar elementos hipertextuais e multimodais; a leitura deve ser interativa, isto é, o usuário deve ter a possibilidade de interagir com o conteúdo através de comentários.

PLANO DE TEXTO E INTERAÇÃO TEXTO E LEITOR: NO PAPEL E NA WEB

Nossas análises focalizam o plano de texto e suas implicações nos processos de escrita e na leitura. A título de exemplificação, analisamos uma crônica de Ruy Castro, publicada no jornal *Folha de S. Paulo* em 15 de novembro de 2019, e igualmente publicada na versão digital, no site do mesmo jornal. Procuramos observar como os recursos digitais empregados na versão digital interferem no plano textual, acarretando um percurso de leitura diferente. Cumpre observar que o autor Ruy Castro, jornalista e escritor, é conhecido pelas biografias que escreve e pela ironia bem-humorada de suas crônicas. Embora seja mineiro, Ruy vive no Rio de Janeiro há muitos anos, é cidadão benemérito, e iniciou sua carreira de repórter em 1967, no jornal *Correio da Manhã*. Atualmente, escreve para o jornal *Folha de S. Paulo*, publicando crônicas três vezes por semana.

O texto a seguir foi publicado na edição impressa do jornal *Folha de S. Paulo*, em 15 de novembro de 2019 e tem como título “Ambiente irrespirável”, o que permite ao leitor inferir que o tema desenvolvido pelo cronista tratará de poluição ambiental, especialmente aquela relativa ao ar. Abaixo do título, encontra-se o nome do cronista, Ruy Castro, e menção à cidade de origem, Rio de Janeiro, antecedendo o início do primeiro parágrafo.

Ambiente irrespirável

Ruy Castro

RIO DE JANEIRO Se tudo correr como nas últimas quatro sextas-feiras, Jane Fonda será presa de novo hoje por protestar nas escadarias do Capitólio, sede do Congresso americano, em Washington, contra a destruição do ambiente. Há várias semanas, Jane — famosa por filmes como “A Noite dos Desesperados” (1969), “Julia” (1977) e “Amargo Regresso” (1978) — se junta a um grupo de ativistas e vai se manifestar. A polícia a abotoa, passa-lhe as algemas, atira-a num camburão e a leva para se explicar. Na primeira vez, Jane foi liberada algumas horas depois, mas, na segunda, teve de dormir na grade. E, a partir daí, tem sido assim. Ela está achando ótimo, porque isso chama mais a atenção para o seu gesto.

Jane sempre foi partidária das causas liberais. Suas campanhas, desde os anos 60 e todas meritórias, envolveram os índios, a guerra do Vietnã, Richard Nixon, as usinas nucleares e, agora, a ecologia. Só que Jane está às vésperas dos 82 anos. Há

dias, ela admitiu que, para a ação, a idade já começa a pesar. Não é fácil, por exemplo, subir no camburão algemada. Quando a polícia chega, não dá mais para correr — o jeito é se entregar. E ela precisa lembrar-se de levar na bolsa, para a noite na prisão, um jogo de fraldas descartáveis. Palavras dela.

Entendo bem Jane. As passeatas contra a ditadura, de que participei no Rio nos anos 60, envolviam correr muito, apanhar de cassete, levar bombas de efeito moral e, em caso de captura, passar a noite numa cela inóspita do Dops, na rua da Relação — o que me aconteceu como estudante, uma vez, em 1967.

Hoje, se quisesse me arriscar a algo parecido, teria de sair de casa munido de atestado médico e de um estojo com os remédios para colesterol, pressão, glicose, tiroide e outros. Não se pode depender da farmácia da polícia.

Jane deveria vir nos visitar. O ambiente aqui, para qualquer lado que se vire, está irrespirável.

Fonte: Folha de S. Paulo, 15 de novembro de 2019, p. A2

O leitor do jornal que conhece o cronista e o acompanha em suas crônicas, pode antecipar que o texto trará um tom crítico e irônico. O título, entretanto, não permite ir além do tema e dessas duas antecipações antes de iniciar a leitura. Na leitura, podemos identificar um

plano de texto que apresenta três blocos de desenvolvimento e um de conclusão, conforme expomos a seguir.

Bloco 1 – composto de 1 parágrafo (parágrafo 1) – introduz o tema: possível prisão iminente de Jane Fonda

Introdução do tema por meio de hipótese que situa o leitor relativamente à recorrência do fato narrado – se tudo correr como nas últimas quatro sextas-feiras, Jane Fonda será presa de novo hoje.

Exposição de motivo + [encaixamento de contextualização física – local] – por protestar [nas escadarias do Capitólio, sede do Congresso Americano, em Washington] contra a destruição do meio ambiente.

Exposição da personagem – elementos descritivos – - atriz - Jane – famosa por filmes como “A noite dos desesperados” (1969), “Julia” (1977) e “Amargo Regresso” (1978).

Relato da recursividade do fato – Na primeira vez, (...), mas, na segunda (...). E, a partir daí, tem sido assim.

Fechamento do parágrafo com comentário avaliativo do cronista – Ela está achando ótimo, porque isso chama mais atenção para o seu gesto

Bloco 2 – composto de 1 parágrafo (parágrafo 2) – apresenta Jane ativista

Apresentação do caráter ativista da atriz – Jane sempre foi partidária das causas liberais.

Exposição de causas em que se envolveu + [situar no tempo] – Suas campanhas, [desde os anos 60] e todas meritórias, envolveram os índios, a guerra do Vietnam, (...).

Apresentação de condição de restrição para “ativista” – Só que Jane está às vésperas dos 82 anos.

Exposição da restrição – consequências + exemplos – ela admitiu que, para a ação, a idade começa a pesar. Não é fácil, por exemplo, subir camburão. (...) não dá mais para correr. E ela precisa lembrar de levar na bolsa, para a noite na prisão, um jogo de fraldas descartáveis.

Fechamento do bloco com asserção que atestam a verdade dos exemplos – Palavras dela.

Bloco 3 – composto de 2 parágrafos (parágrafos 3 e 4) – analogia entre o cronista e a atriz ativista

Abertura da analogia com comentário que estabelece a identidade - Entendo bem Jane
Parágrafo 3 –

Cronista - ativista quando jovem - semelhança com a atriz - ações e consequências - As passeatas contra a ditadura, de que participei no Rio nos anos 60, envolviam correr muito, apanhar de cassete (...) passar a noite numa cela inóspita (...) o que me ocorreu uma vez, em 1967.

Parágrafo 4

Cronista na atualidade – exposição de restrições da idade – fragilidades da saúde + enumeração de doenças – Hoje, se quisesse me arriscar a algo parecido, teria que sair de casa munido de atestado médico e de um estojo com remédios para colesterol, pressão, glicose, tiroide e outros.

Fechamento do bloco com asserção avaliativa com consequências para a restrição de idoso – crítica ao sistema policial - Não se pode depender da farmácia da polícia.

Bloco 4 – composto de 1 parágrafo (parágrafo 5) – conclusão

Exposição de asserção optativa – Jane deveria vir nos visitar
Justificativa para a sugestão com base na realidade local – retoma o tema inicial e o problema posto no início do texto – poluição ambiental
Retomada do título - ironia referindo-se à situação geral e política do país - O ambiente aqui, para qualquer lado que se vire, está irrespirável.

O plano do texto nos permite tecer algumas considerações relativas à leitura da crônica de Ruy Castro. Propõe um desenvolvimento em paralelo para o texto, reforçando a analogia que o cronista deseja estabelecer entre a Jane Fonda como ativista e ele próprio, quando jovem, engajado politicamente. Os elementos de conexão e de articulação textual conduzem o leitor na construção dos sentidos.

O bloco 1 é composto por um parágrafo, que introduz o tema: possível prisão iminente de Jane Fonda, com um enunciado hipotético que, ao mesmo tempo, situa o leitor relativamente à recorrência do fato narrado: *se tudo correr como nas últimas quatro sextas-feiras, Jane Fonda será presa de novo hoje*. Segue-se a exposição do motivo, com um encaixamento de uma contextualização física, indicando o local: *por protestar [nas escadarias do Capitólio, sede do Congresso Americano, em Washington] contra a destruição do meio ambiente*.

O cronista insiste na reiteração da recorrência dos atos de protesto da atriz, mas encaixando informações sobre filmes protagonizados por ela ao longo dos anos que a categorizam como atriz. Em seguida, expõe a recursividade do fato de ser presa por meio de uma enumeração e fecha o parágrafo com um comentário avaliativo: *“Ela está achando ótimo, porque isso chama mais atenção para o seu gesto”*.

Os marcadores temporais cumprem, no bloco 1, o papel de situar o leitor a respeito da recorrência de fatos com a atriz Jane Fonda. Logo na segunda linha, o leitor toma conhecimento de que algo vem ocorrendo “nas últimas quatro sextas-feiras” reiteradamente e que esse fato é a prisão, pois a atriz poderá ser presa “de novo”. A enumeração apresentada no fim do parágrafo, com “Na primeira vez (...) na segunda, (...) a partir daí”, também marca a recorrência de fatos numa sucessão temporal.

O bloco 2 apresenta um recorte na apresentação de Jane Fonda, focalizando-a como ativista. O bloco se inicia situando o leitor nesse objetivo : *“Jane sempre foi partidária das*

causas liberais”. Essa exposição inicia-se pelas causas que a moveram desde o início de sua atividade, situando o início - [*desde os anos 60*]. Essa exposição permite conduzir a uma condição de restrição introduzida pela expressão restritiva “só que” a qual conduz a uma virada na direção do desenvolvimento: *Só que Jane está às vésperas dos 82 anos*. Ao introduzir a idade da atriz, situa sua ação como ativista num quadro mais complexo no qual o enfrentamento com a polícia e a prisão tornam-se desafios maiores devido às complicações da idade. O cronista explicita a restrição, apresentando suas consequências por meio de exemplos concretos, dando voz à própria atriz: *ela admitiu que, para a ação, a idade começa a pesar. Não é fácil, por exemplo, subir camburão. (...) não dá mais para correr. E ela precisa lembrar de levar na bolsa, para a noite na prisão, um jogo de fraldas descartáveis*. O Fechamento do bloco se dá com uma asserção que atesta a verdade dos exemplos – *Palavras dela*.

O Bloco 3 é composto de 2 parágrafos (parágrafos 3 e 4) e estabelece a analogia entre o cronista e a atriz ativista.

No Parágrafo 3, o cronista apresenta-se como ativista quando jovem e mostra semelhança das ações e das consequências de seus atos com os da atriz - *As passeatas contra a ditadura, de que participei no Rio nos anos 60, envolviam correr muito, apanhar de cassetete (...) passar a noite numa cela inóspita (...) o que me ocorreu uma vez, em 1967*.

No Parágrafo 4, o cronista fala da atualidade, expondo restrições da idade com fragilidades da saúde, com enumeração de doenças, sem descuidar do tom irônico, pelo exagero: *Hoje, se quisesse me arriscar a algo parecido, teria que sair de casa munido de atestado médico e de um estojo com remédios para colesterol, pressão, glicose, tiroide e outros*. O Fechamento do bloco se dá com uma asserção avaliativa com consequências para a restrição de idoso, é uma crítica irônica ao sistema policial - *Não se pode depender da farmácia da polícia*.

No bloco 3, novamente os marcadores temporais, junto com os locativos, voltam a desempenhar um papel fundamental na organização textual, situando os fatos “no Rio dos anos 60” e a situação cronista idoso “hoje”, estabelecendo similaridades com Jane Fonda. Essa similaridade é um elemento central na argumentação de Ruy em favor do “*ambiente irrespirável por aqui*”, explicitado no próximo bloco.

Bloco 4, composto de 1 parágrafo (parágrafo 5), traz a conclusão. O bloco se inicia com a exposição de asserção optativa – *Jane deveria vir nos visitar*, seguida de uma Justificativa com base na realidade local. A justificativa retoma o tema inicial e o problema posto no início do texto – *poluição ambiental*, mas amplia o seu sentido. O bloco 4 retoma, assim, o título, mas

amplia o seu sentido. O cronista encerra o texto com sua tese, sempre marcada pela ironia “O ambiente aqui, para qualquer lado que se vire está irrespirável”. Somente no enunciado final, o leitor compreende a intenção do cronista, e seu objetivo argumentativo ao propor o título: criticar a situação geral e política do país “para qualquer lado que se olhe”. Segundo ele, a situação está difícil de suportar, “irrespirável”. O meio ambiente poluído representa assim a situação social e política do país. A analogia estabelecida entre a pessoa da atriz e a do cronista permite estender o raciocínio ao Brasil, expresso o enunciado final com o localizador “aqui”.

Observando as estratégias utilizadas no texto, podemos afirmar que o cronista leva o leitor em consideração. Vários elementos de contextualização situam o leitor relativamente ao local dos acontecimentos (no Capitólio, sede do congresso americano, em Washington). Tais informações orientam também quanto à magnitude dos atos de protesto, afinal eles ocorrem em frente ao prédio do congresso americano. O cronista também situa o leitor a respeito de quem é Jane Fonda, enumerando vários filmes nos quais ela atuou e trazendo inclusive as datas, o que permite situar a atriz no tempo e mantém coerência com a continuidade do texto, que a apresenta como uma ativista idosa e sofredora das dificuldades impostas pelo avanço da idade. Por fim, o cronista encaminha o leitor para a situação local, com uma hipotética visita da atriz.

Na versão digital, o plano de texto traz sutis alterações e inserções que ampliam os sentidos, facilitando a compreensão por parte do usuário. Logo abaixo do título, a inserção de uma lide situa o usuário sobre três dados que o título não expõe: 1. que o texto abordará a atriz Jane Fonda; 2. que o recorte é sobre sua atividade em protestos (continua uma fera); 3. que a atriz está idosa (aos 82 anos) e sua ação como ativista que vai presa está dificultada pela idade (o problema é subir no camburão). Considerando que esses dados constituem os temas desenvolvidos nos dois primeiros blocos e que constituem o fio condutor do desenvolvimento do texto, tal procedimento atende às recomendações de Baptista (2017), relativamente à produção de textos para a *Web* que apresentamos na seção anterior. Segundo essa autora, a fim de obter a atenção do leitor, o percurso textual deve partir do mais importante para o menos importante. Ao oferecer as informações centrais como subtítulo, antes mesmo do início do texto, o produtor de conteúdo *Web* procura tornar mais acessível o conteúdo do texto, além de atender a uma característica pertinente aos usuários desse ambiente, conforme Nielsen (2000).

Ambiente irrespirável

Jane Fonda continua uma fera. O problema é subir no camburão aos quase 82 anos



Se tudo correr como nas últimas quatro sextas-feiras, Jane Fonda será [presa](#) de novo hoje por protestar nas escadarias do Capitólio, sede do Congresso americano, em Washington, contra a destruição do ambiente. Há várias semanas, Jane --famosa por [filmes](#) como "A Noite dos Desesperados" (1969), "Julia" (1977) e "Amargo Regresso" (1978)-- se junta a um grupo de ativistas e vai se manifestar. A polícia a abotoa,

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2019/11/ambiente-irrespiravel.shtml>. Acesso em: 20/06/2020

Para além do subtítulo, que funciona como lide na versão *Web*, o texto digital ganha dois *links* internos que conduzem a outras reportagens do próprio jornal. O primeiro, a partir da palavra “presa”, abre uma matéria sobre as prisões da atriz por sua ação ativista; são as mesmas prisões a que se refere o cronista em seu texto. Considerando que uma crônica pode trazer fatos ficcionais, o jornal reforça o valor de verdade do conteúdo do texto ao conduzir o leitor, por meio do *link*, a uma reportagem sobre os fatos contidos na crônica.

O segundo, a partir da palavra “filmes”, é também um *link* interno e conduz a outro texto do próprio site do jornal, desta vez, noticiando o mais recente filme da atriz. As reportagens constituem uma estratégia argumentativa eficaz, são recursos de presença, que trazem de forma concreta para o leitor dados mencionados na crônica e reforçando seu conteúdo. Cumpre observar o destaque dado aos títulos das reportagens, com letras aumentadas, para chamar a atenção do usuário que, conforme Nielsen (2000), presta mais atenção aos títulos e subtítulos, daí a importância de lhes conferir destaque.

Ambiente irrespirável

Jane Fonda continua uma fera. O problema é subir no camburão aos quase 82 anos



Se tudo correr como nas últimas quatro sextas-feiras, Jane Fonda será [presa](#) de novo hoje por protestar nas escadarias do Capitólio, sede do Congresso americano, em Washington, contra a destruição do ambiente. Há várias semanas, Jane --famosa por [filmes](#) como "A Noite dos Desesperados" (1969), "Julia" (1977) e "Amargo Regresso" (1978)-- se junta a um grupo de ativistas e vai se manifestar. A polícia a abotoa,

< celebridades

Jane Fonda fala sobre noite na prisão: 'Era apenas eu e as baratas'

Atriz já foi detida quatro vezes por protestar contra as mudanças climáticas



Jane Fonda, 80, protagoniza filme que trata da vida sexual de mulheres mais velhas

'Do Jeito que Elas Querem' quase não vingou porque Hollywood queria personagens mais novas



Rodrigo Salem

LOS ANGELES Jane Fonda sempre foi uma atriz conhecida por expor suas opiniões. Discursou contra a Guerra do Vietnã, apoiou os Panteras Negras e, recentemente, relatou ter sido abusada na infância. E, aos 80

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2019/11/ambiente-irrespiravel.shtml> Acesso em: 20/06/2020

O texto digital de Ruy Castro apresenta, no fim, reproduzida, a mesma foto que ilustra a reportagem sobre a prisão de Jane Fonda, mais um dado para reforçar o conteúdo do texto do cronista, argumentando em favor da veracidade da crônica e da imagem construída a respeito de Jane Fonda ao longo do texto.



Jane Fonda ao ser detida no dia 1º de novembro durante protesto em frente ao capitólio - Siphwe Sibeko/Reuters

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2019/11/ambiente-irrespiravel.shtml> Acesso em: 20/06/2020

Há também um espaço para comentários dos usuários, permitindo a interação. Na versão impressa, o leitor pode enviar um comentário para a seção “Painel do leitor”, mas o texto será publicado apenas em uma edição futura e pode também não ser publicado, uma vez que há uma seleção das contribuições de leitores para publicação no jornal impresso. Além disso, os comentários ficam em uma seção que reúne comentários relativos a matérias do jornal inteiro. No site, todos os comentários são publicados *online*, ou seja, no momento da postagem, e o comentário pode inclusive receber respostas. Apresentamos a seguir quatro comentários ao texto *online* de Ruy Castro:

NELI FARIA FARIA

Ontem às 19h32

Esqueceu do Barbarela! Trabalhava na rua Augusta, em 1968 e ficou em minha mente um enorme cartaz desse filme que iria passar no Majestic. Não fui ver, porque era menor. À época, minha folga era às quartas-feiras e participei, sem querer, de uma manifestação estudantil contra o Regime. Minha irmã, caçula, e eu. Avenida São João(queima de rádio patrulha),Ipiranga e a Polícia chegou, nós duas entramos na Igreja da Consolação...E depois voltamos à pé para o Brás.Não troco o presente pelo passado!

 RESPONDA  2

 DENUNCIE

ROBERTO MARCHI

Ontem às 22h17

Estudante, estava ali, o sacristão da igreja da Consolação mandou esconder-me na torre, dali vi tudo aquilo, sobrevivi agoniado, a violência, a estupidez.

 1

 DENUNCIE

ROGÉRIO FONSECA

Há 21 horas

Parabéns pela coragem Jane! O mundo precisa de mais gente como vc.

 RESPONDA  8

 DENUNCIE

JOÃO BATISTA DE SOUZA

Há 23 horas

O mundo precisa cada vez mais de pessoas como a Jane.

 RESPONDA  7

 DENUNCIE

O primeiro comentário recai sobre um filme famoso de Jane Fonda – ainda jovem –, o mais conhecido; o leitor também relata a passeata que presenciou ao retornar para casa. Era um movimento semelhante às experiências revolucionárias vividas por Ruy no período da ditadura militar no Brasil por volta de 1968. A resposta de outro leitor reafirma os fatos relatados no comentário, lembrando ter também presenciado o movimento. Os dois outros comentários focalizam a Jane Fonda como ativista, elogiando o seu comportamento. Os comentários permitem observar que as leituras seguem em diferentes direções, cada usuário prioriza o tema que mais lhe faz sentido, que lhe interessa, ou lhe toca de alguma forma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As breves análises que apresentamos neste trabalho evidenciam como o plano de texto, ao refletir a organização dos conteúdos no tecido textual, expõe as intenções de dizer do produtor e, por conseguinte, cumpre uma importante função na orientação argumentativa que conduzirá a leitura. A apresentação do texto impresso e do texto digital permitiu igualmente mostrar como o tratamento digital amplia as possibilidades de sentido na medida em que propicia o acesso a informações complementares por meio de *links*, por exemplo, reforçando, desta forma, a orientação argumentativa do texto. Mesmo *links* internos, como são os do jornal *A Folha de S. Paulo*, cumprem esse papel.

Além disso, pequenas inserções reorganizam os conteúdos, propiciando reforço argumentativo, na medida em que põem em destaque determinados elementos. Um exemplo é a inserção de um enunciado antes do texto com função de síntese de conteúdo e orientação de leitura. Podemos, por conseguinte, afirmar que a leitura do texto digital expande o plano do texto, oferecendo uma ampliação das informações ao usuário relativamente ao texto impresso. Se por um lado o plano de texto em si torna-se mais complexo no ambiente digital, por outro, ele cumpre uma função de simplificação para o leitor, que tem a um clique informações para as quais, no texto impresso, teria que recorrer a seus conhecimentos prévios, ou ficaria sem compreender. A interação também é facilitada no texto adaptado para o ambiente *online* e, podemos dizer, estimulada, na medida em que há um espaço para o leitor enviar sua contribuição virtual relativa àquele texto especificamente. Estabelece-se assim um diálogo entre texto e usuários, e entre usuários sobre o texto. Cria-se um ambiente propício à interação

e à argumentação. Podemos, finalmente, afirmar que cada uma das versões da crônica de Ruy Castro constitui um texto diferente.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual introdução à análise textual dos discursos**. 2. ed. ver. aumen. São Paulo: Cortez, 2011.

BAPTISTA, Dina Maria. A importância do conteúdo na Web: para uma estratégia de comunicação eficaz. *In*: FERREIRA, António Manuel; MORAIS, Carlos; BRASETE, Maria Fernanda; COIMBRA, Rosa Lúcia (ed.). **Pelos mares da língua portuguesa III**. 2017, p. 925-944.

BLITVICH, Pilar Carcés-Conejos; BOU-FRANCH, Patricia. Introduction do Analyzing Digital Discourse: New Insights and Future Directions. *In*: BOU-FRANCH, Patricia; BLITVICH, Pilar Carcés-Conejos (ed.). **Analyzing Digital Discourse New Insights and Future Directions**. Cham, Switzerland: Palgrave Macmillan, 2019, p. 3-22.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. Leitura de Textos Multimodais: simultaneidade e integração na construção dos sentidos *In*: **Interseções Revista de Estudos sobre Práticas Discursivas e Textuais**. Edição especial temática: texto, interação e multimodalidade. Edição 10. ano 6. número 2. novembro 2013a. P. 89 – 106.

Disponível em: <http://www.anchieta.br/unianchieta/revistas/intersecoes/intersecoes.asp>. Acesso em: 16/08/2020

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. O conceito de plano de texto: contribuições para o planejamento da produção escrita. *In*: **Revista Linha D' Água**. Número 26 , 2013b, p. 241-259. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/index>. Acesso em: 18/06/2020

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. Argumentação na língua e argumentação no texto. **Interseções Revista de Estudos sobre Práticas Discursivas e Textuais**, v. 9, p. 26-40, 2016a.

Disponível em: <http://www.portal.anchieta.br/revistas-e-livros/intersecoes/pdf/intersecoes-ano-9-numero-1.pdf> Acesso em: 18/06/2020.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. Texto e Argumentação: escolhas linguísticas, organização textual e contexto enunciativo. *In*: PIRIS, Eduardo Lopes; AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan; LIMA, Geralda de Oliveira Santos (org.). **Anais do III Seminário Internacional de Estudos sobre Discurso e Argumentação**. Ilhéus: Editus, 2016b. p. 381-391.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: EDUNESP, 1998.

COUTINHO, Maria Antónia. **Texto(s) e competência textual**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

GAONAC'H, Daniel; FAYOL, Michel (coord.). **Aider les élèves à comprendre du texte au multimédia**. Paris: Hachette, 2003.

KELLOGG, Ronald. T. Training Writing Skills: a cognitive developmental perspective. *In: Journal of writing research*, v. 1, n. 1, 2008, p. 1-26.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Les interactions verbales 1/Approche interactionnelle et structure des conversations**. Paris: Armand Colin, 1998 [1990].

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria da Silva. **Ler e escrever estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009.

LIMA, Nelci Vieira de; CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. Desenvolvimento da competência escritora em ingressantes no ensino universitário: perspectivas teórico-analíticas e desafios práticos. *VERBUM. CADERNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO*. v. 8, n. 2, 2019, p. 59-76.
Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/verbum/article/view/43794>. Acesso em: 16/08/2020

MCKENZIE, Donald Francis. **Bibliography and the sociology of texts**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

NIELSEN, Jacob. **Projetando Websites – Designing web usability**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

NORRIS, Sigrid. **Analyzing multimodal interaction: a methodological framework**. New York: Routledge, 2004.

PAVEAU, Marie-Anne. En naviguant en écrivant Réflexions sur les textualités numériques. *In: ADAM, Jean-Michel. Faire texte frontières textuelles et opérations de textualisation*. Besançon : Presses Universitaires de Farnche-Conté, 20015, p. 337-353.

RODRIGUES, Maria das Graças Soares; MARQUESI, Sueli Cristina. **Relatório de pesquisa de estágio pós-doutoral** (sob supervisão do Prof. Jean-Michel Adam). Universidade de Lausanne, Suíça, 2016.

THURLOW, Crispin. Digital discourse: location language in new social media. *In: J. Burgess, T. Poell & A. Marwick (ed.). Handbook of Social Media*. New York: Sage, 2017, p. 135 -145.